

94.251
D O R
SEM REMEDIO,
M A G O A
SEM ALIVIO,



QUE NA MORTE DA SENHORA

D. L U I Z A
HELLENA DE SANTA CRUZ
BERGIER,

*E TRASLADAC, AM DE SEU CORPO PARA A
Igreja do M. Regular Convento de S. Pedro de Alcantra
desta Cidade de Lisboa.*

CHORA, E SUSPIRA,

SUA MAIS QUERIDA IRMAM, a M. R. SENHORA
D. Joanna Maria de S. Jozé Bergier Religioza no Mosteiro do Calvario.

S Y L V A .

I Nimiga Memoria,
Do meu passado bem perdida gloria,
Que depois que atrevida
A Parca lhe cortou a doce vida,

Naõ

Naõ seças de afeftirme ,
 Naõ para me alentar , para aflagirme ;
 Pois quanto mais repetes as lembranças,
 Das minhas já perdidas esperanças,
 Tanto mais , porque affim medezanimes ,
 Na estampa da minha alma a dor imprimes.

Mais cruel do que a Morte te pondero ,
 Pois com animo fero ,
 Sem compaixão alguma que te abrañde ,
 Com rigor mais que grande ,
 Me estàs continuamente repetindo ,
 (Porque eu da mesma forte vá sentido ,)
 As especies do bem que neste affedio ,
 Me obrigaõ padecer sem ter remedio.

Mais cruel do que a Morte te imagino ,
 Porque a Morte executa o seu destino ,
 Num só golpe que dá, mas tú tirana ,
 Ferà , ingrata , cruel , e dezumana ,
 Quantas vezes lembrarme este bem tratas ,
 Tantas vezes me matas ;
 Porque a repitição de huma Lembrança ,
 Como naõ tem mudança ,
 He fogo que se gaba ,
 Que arde no coraçãõ , mas nunca acaba

(3)

Memorias repetidas ,
 Já tu sabes , que rayos são das vidas ;
 E o que não fas a Morte ,
 Sendo taõ furibunda , audás , e forte ,
 Fas com força notoria ,
 (Quando he mais repetida) huma Memoria ,
 Mais afavel comigo a Morte há sido ,
 Do que he tam fero impulso repetido ,
 Porque a Morte com seu furor astuto ,
 Querendo que o tributo ,
 Da vida , minha Irmaã , satisfizesse ,
 Olhando minha magoa (ao que pareffe)
 Talvez que permitisse ,
 Levala onde morrer , já mais a visse ,
 Porque não vendo eu donde morria ,
 Menor a minha magoa entaõ feria .
 Porem tu inimiga , e dezumana ,
 Te crimas Memoria , a mais tirana ;
 Pois o golpe que ao longe lá lhedeste ,
 Desde entaõ empredeste ,
 Pella tua lembrança ,
 Que fosse no meu peito aguda lança ,
 Que a minha Alma magoada traspassasse ,
 Cada ves que esta Morte me lembrasse .

Assim se vio , porque ella ,
 Nas vidas que destroça , e que atropella ,
 Huma só vez me deo hum golpe infano ,
 (Suposto se naõ livra de tirano ,)
 Porem tũ cada instante me estãs dando ,
 Na mesma Morte que me estãs lembrando.
 Golpes taõ furibundos, e tam fortes ,
 Que a minha dor os conta por mil Mortes.

Eu bem sei , que á rezam de magoada ,
 Acrece agora ovela trasladada ,
 Desse longe onde a Morte de atrevida ,
 Lhe tirou cruelmente a doce Vida ,
 Talvez , naõ prezumindo ,
 Augmentarme o pezar que estou sentindo ,
 Mas se ei de reparar na iniquidade ,
 Sempre foy compaixãõ mais que im piedade ,
 Porma cá mais presente ,
 Pois sendo grande a magoa por auzente ,
 Menor a dor ferá , e ferá certo ,
 Mayor o meu alivio , tendoa ao perto ,
 Porque huma das razoens de estar choroza ,
 Era por verme della tam faudoza ,
 Pois na minha afflicçaõ tam excessiva ,
 Morta a queria , por faltarme viva.

Bem fey tambem , que a Morte foy tirana ,
 Pois com força in humana
 Cortandoa como planta, bem podera ,
 Antever que cortava a Primavera ,
 E que aos pés lhe cahiaõ seus amores ,
 Em tres amados filhos , ou tres flores ,
 Que sentidos choravaõ ,
 Verem , como sem ella cá ficavaõ ;
 Que a vida de huma May, que he toda amante,
 A efficacias da dor mais penetrante ,
 Quando a Morte lha rouba in felizmente ,
 Só despois que lhe falta , he que se sente.

Mas tú cruel Memoria a meus pezares ,
 Tanto augmentaste mais , da dor os mares ,
 Que eu mesma recordando ,
 O pezar que me estás sempre lembrando ,
 Cada vez que o recorde , he laberynto
 Que em tempestades de ancias, na alma sinto.
 Naõ , porque estes pimpolhos , da fortuna
 Temaõ cahirthe a principal columna ,
 Mas porque de huma May o amor perdido,
 A pouco tempo , o danno he conhecido.

Bem fey que a mesma Morte , seantevira ,
 O muito que a minha alma hoje suspira ,

Se quizesse , piedoza, conçolarme ,
 Podera a minha vida entaõ tirarme ;
 Porque tirada ella com crueldade ,
 Naõ sentiria hoje huma laudade ,
 Que a chorar me condemna ,
 Em tudo superior á mayor penna ,
 E sería melhor, se o merecesse ,
 Que morrendo eu por ella , ella vivesse ;
 Porque com tal fineza se evitasse ,
 Que hoje tanto esta Morte se chorasse.

Aqui tambem se funda o meu tromento ,
 Para ser de continuo este lamento ;
 E por isso , Aves , Plantas , Fontes , Mares ,
 Para vos magoares ,
 A vòs comvoco , a vòs sentida chamo ,
 No que suspiro , e clamo ,
 Que vejais lá na mais ardente fragoa ,
 Se há magoa semelhante á minha magoa ;
 Porque eu cá como amante
 Outra naõ sey que se ache semelhante ;
 Pois em seus cruelissimos ardores ,
 He dor que excede a todas as mais dores ;
 Por isso em meu tromento sucessivo ,
 Vivendo assim, naõ sey o como vivo.

Mas será Providencia ,
 De quem me dá tam alta paciencia ,
 Para que eu desta sorte , assim vivendo ,
 Descubra , padecendo ,
 Por minha Irmaã , com dor tam repetida ,
 Depois da Morté , quanto a amava em vida .

Nam digo mais , Memoria ,
 Que a dizelo sería tudo gloria ,
 A donde piamente concidero ,
 Estará minha Irmaã , como hoje espero ,
 Pois na trasladação , finais me há dado ,
 Que a poria , quem pôde , neste estado ;
 E sendo assim , se alivio , algum mereço ,
 Este sò reconheço ,
 Que pôde ser o meu , de valor tanto ,
 Que sò elle , parar , pôde meu pranto .

E tu flor , trasladada ,
 Do vergel , onde estavas sepultada ,
 Vive , onde te imagino ,
 Hoje animada , do poder Divino ;
 Teu Jazigo , se vista de alegria ,
 E o que nelle foy noite , seja dia ,
 Que Corpos virtuosos ,
 Fazem ser os sepulchros gloriozos ,

E se quando morreste ,
 A ventura tiveste ,
 De subir , onde os premios , fenaõ negaõ ,
 Aos que a Deos , fò se entregaõ ,
 Lá nesse a cento Etherio ,
 De toda a gloria o mais feliz imperio ,
 Roga pormim a Deos , para que eu faça
 Os meritos da graça ,
 Que em vida taõ penoza ,
 Sabem fazer huma alma venturoza ,
 E empregada no bem que medezejas ,
 Glorioza como tù no Ceo me vejas .

Escreveo por V. R.

S. M. F. C. e V.

Fr. Antonio de S. Caetano.

Preg. Jubil.